



AS RELAÇÕES MÍTICAS ENTRE: ADÃO E OS MITOS DA ANTIGA MESOPOTÂMIA

ARTIGO ORIGINAL

FARAH, Leonardo de Castro ¹

FARAH, Leonardo de Castro. **As Relações Míticas entre: Adão e os Mitos da Antiga Mesopotâmia**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 10, Vol. 07, pp. 147-160. Outubro de 2019. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/relacoes-miticas>

RESUMO

Em 1981, o Dr. Niels-Erik Andreasen, escreveu um artigo, chamado de: *Adam and Adapa: two anthropological characters*. No seu trabalho, o Dr. Andreasen estabeleceu relações e paralelos entre o mito adâmico e o mito babilônico de *Adapa*. Nosso foco tem como objetivo reforçar a tese de Andreasen sobre a existência desses paralelos míticos, encontrados: no 1º ao 3º capítulo do livro do Gênesis com os diversos mitos que encontramos na Antiga Mesopotâmia, que além de ser o berço da civilização teve forte influência nos autores bíblicos. Os mitos que iremos abordar na nossa pesquisa são: o Mito de *Gilgamesh*, o Mito de *Adapa* e o *Enuma Elish*. Estes três mitos tiveram influência no que tange a Criação do mundo e do homem visto na Bíblia. Isso quer dizer que os povos da Mesopotâmia estiveram ao longo de milhares de anos em contato com os Hebreus, antes como depois do “*Cativeiro da Babilônia*” (587-527 a. C), tendo como consequência o nascimento do judaísmo monoteísta rabínico.

¹ Professor de História do Colégio Estadual John Kennedy, Graduado em História pela UNI-BH (Centro Universitários de BH), Especialista em Educação em Sociologia pela Faculdade Noroeste de Minas Gerais. Especialista em História pela Faculdade Luso-brasileira. Especialista em História e Geografia pelo Centro Universitário Barão de Mauá.



Palavras-chaves: Adão, Adapa, Hebreus e o Gênesis.

INTRODUÇÃO

O texto escrito pelo Dr. Niels-Erik Andreasen, em 1981 estabeleceu paralelos entre: *Adapa* e *Adão*, apesar de que muitos teólogos não aceitam tais relações, por questões religiosas. Porém, são inegáveis as semelhanças entre estes dois personagens. Neste caso, iremos considerar que tanto, *Adão* como *Adapa* sejam tratados como personagens mitológicos, pois até o presente momento, não foi encontrado nenhuma prova arqueológica ou histórica vinda de fonte neutra, que demonstrem terem existido. Também iremos estudar as semelhanças, no local que *Adão* vivia (Jardim do Éden), o papel da *serpente* nesse local e a sua auxiliadora (*Eva*) com os mitos da Mesopotâmia.

Sabemos que o Gênesis teve uma forte influência, externa vinda dos babilônicos no que diz respeito à Criação do Mundo e do ser humano. Havendo assim, paralelos com outros registros mitológicos. No que tange a pesquisa, serão analisadas as fontes secundárias e assim, iremos tentar demonstrar a ocorrência de influências: mitológicas, nas palavras hebraicas, que aparecem no Gênesis, dos capítulos: 01 ao 03 que são sem dúvida, fontes mais antigas, que os relatos bíblicos.

1.1 O RELATO DO MITO DE ADAPA

Os textos que relata a respeito de *Adapa* foram descobertos pelos arqueólogos no final do século XIX, em Tell-el-Amarna, a capital do Império Egípcio na Era de Akhenatón (1352-1335 a. C). Ali foram descobertas inscrições cuneiformes das chamadas: “*Cartas de Amarna*” que guardam o relato mitológico de *Adapa*.

De acordo com McCall (1994) esse mito foi escrito em tabletes de argila contendo: 120 linhas datadas, entre: 15º e 14º século a. C, porem há referências mais antigas deste mito, em Nínive no início do segundo milênio a. C. Segundo a tradução feita por McCall (1994), *Adapa* era um sábio sacerdote de *Ea* (*Enki* – sumério), na cidade de Eridu. O mito alega que todos os dias, *Adapa* comparecia aos ritos religiosos. Ele



assava pão e colocava mesas votivas apresentadas como ofertas aos deuses. Ele era pescador do templo, saía em seu barco com o objetivo de capturar peixes e ofertá-los, no templo dedicado a *Ea* (McCALL, 1994).

Certo dia, quando *Adapa* estava pescando, o Vento Sul passou e o derrubou do barco, jogando-o nas águas do rio. Então, tomado pela raiva, *Adapa* resolveu “*quebrar a asa do Vento Sul*” e por sete dias, o Vento Sul não soprou nos campos. *Anu*, o deus do céu queria saber por que não estava ventando e foi informado pelos seus conselheiros, que *Adapa* havia quebrado a asa do “*Vento Sul*”.

Anu exigiu que *Adapa* apresente-se a ele para explicar o ocorrido. Nesta parte do texto, Andreasen (1981) esclarece que *Ea*, o deus de Eridu, apareceu a *Adapa* para lhe dar dois conselhos. 1º Ao aparecer na presença de *Anu* (*An* em sumério) deve-se usar uma roupa de luto para tentar obter simpatia dos guardiões do portão do céu: *Tammuz*^[2] e *Gizzida* que guardam a entrada da casa de *Anu*. E 2º seriam oferecidos o pão e a água da morte, dos quais ele não deveria comer e nem beber (McCALL, 1994). Quando *Adapa* visitou *Anu* e explicou o que aconteceu, tendo apoio os dois guardiões que falam a seu favor, os empregados de *Anu*: “*Trouxeram a ele o pão da vida (eterna), mas ele não comeu. Trouxeram a ele a água da vida (eterna), mas ele não bebeu*” (McCALL, 1994, p. 66).

No Mito, *Adapa* rejeitou os alimentos e as bebidas reservadas aos deuses, que davam a vida eterna. Sua rejeição tem a ver com a obediência ao deus *Ea*. Por isso *Adapa* é lembrado por ser um dos sete sábios ou *Apkallu*, que significa: “*sábio*” (ANDREASEN, 1981).

1.2 ANÁLISE DO LIVRO DO GÊNESIS

Segundo os teólogos, Storniolo e Balancin (1991) no livro do Gênesis há narrativas da Criação que: “*pertencem a épocas diferentes e refletem situações e problemas diferentes*” (STORNILOLO e BALANCIN, 1991, p 12). Para Storniolo e Balancin (1991) o Gênesis é um relato mítico e figurativo de uma época.



Segundo Storniolo e Balancin (1991), o livro do Gênesis observado em: 1,1 e 2,4 teria surgido antes de: 587-527 a. C ou “*Cativeiro da Babilônia*”. Com o fim da guerra judaico-babilônica, a cidade e o Templo de Jerusalém foram destruídos, os Hebreus foram escravizados e levados para viverem na Babilônia. Isso mexeu com a *psique* daquelas pessoas (SALMOS 137) e muitos Hebreus passaram a adorar os deuses babilônicos (*Marduk, Enki* e outros). Como tentativa de manter viva a sua cultura e religião, alguns Hebreus passaram a escrever seus livros sagrados: o Torá e o Talmude.

O Torá e o Talmude receberam influência das culturas persa e babilônica. A observação do sábado como um dia sagrado é uma herança dos sumérios, que viveram no 3º milênio a. C^[3]. Segundo Caramelo (2006), da Universidade de Lisboa, os Mesopotâmicos ao organizarem a vida urbana e o tempo, precisaram criar calendários civis e religiosos, com o objetivo de manter uma ordem social.

O calendário, como forma de organizar o tempo e a existência humana, tinha que ser explicado. Na verdade, os mesopotâmios acreditavam que todas as realizações primordiais, que haviam permitido ao homem fundar o mundo tal como o conheciam, tinham sido criadas pelos deuses e concedidas à humanidade (CAMELO, 2006, p 01).

Os Mesopotâmicos perceberam que existem quatro fases lunares. E cada fase lunar teria a duração de sete dias e no último dia da semana ocorre a transição das fases lunares. Então, o último dia da semana, o sábado, que para os Mesopotâmicos não era um dia tão sacro. O contato cultural e religioso entre os Hebreus e os Mesopotâmicos possibilitou influências herdadas do costume de santificação do sábado.

Storniolo e Balancin (1991) afirmam que a Criação divina teria durado sete dias. O *Enuma Elish* também sugere que a Criação dos deuses teria durado uma semana. No relato do Gênesis, o ápice da criação é o Homem e a Mulher (Gn 01: 27), criados no sexto dia. No sétimo dia, “*Deus*” descansa (referência direta ao sábado sendo, sagrado e adotado pelos Hebreus).



O esquema da criação numa sequência de seis dias denota uma preocupação com a ordem. Esta é conseguida através de separações e distinções, ordenando a realidade caótica da Terra, que estava “sem forma e vazia” (STORNIOLO E BALANCIN, 1991, p 14).

Somente no 2º e 3º capítulo de Gênesis aparecem: *Adão, Eva, o Jardim e a Serpente*. Muitos teólogos acreditam que essas passagens sejam figurativas ou ilustrativas. Para Storniolo e Balancin (1991) não devemos tomar o livro do Gênesis como literal, esse livro não é científico, é apenas um relato lendário sobre as origens do Mundo e do Homem. “*Lembremos, porém, que essa narrativa também não está interessada no problema científico das origens, mas visa responder a certas preocupações do tempo em que ela nasceu*” (STORNIOLO e BALANCIN, 1991, p 15).

1.3 A DATAÇÃO DOS MITOS: ADÂMICO E DE ADAPA

De acordo com Scheindlin (2003) a inscrição hebraica mais antiga registrada é datada por volta de 950 a. C, que é o Calendário de Gezer. No momento, não há nada hebraico mais antigo que esse Calendário. Segundo Armstrong (2012), o livro do Gênesis assim, como o Pentateuco, teria sido escrito por diferentes pessoas em diferentes períodos históricos sendo datado, entre: 800-600 a. C.

No que se refere ao *Enuma Elish* e ao Mito de *Gilgamesh*, há uma certeza de que foram escritos no início do 2º milênio a. C (KRAMER, 1969), obviamente sendo mais antigos que o relato de Gênesis. O *Enuma Elish* consiste em sete tabletes de argila, que narra a Criação do Mundo. McCall (1994) sugere que o mito de *Adapa* foi encontrado, em Tell-El-Amarna no Egito, sendo datados em: 1400-1300 a. C.

Muitos teólogos, como Pontes (2010), acreditam que o 1º Capítulo de Gênesis tem paralelos com o livro sagrado Mesopotâmico, o *Enuma Elish*, sendo ele a base de sua dissertação. Comparando esses dois livros, notamos que eles possuem elementos comuns, como por exemplo: 1º a ocorrência do caos (a escuridão ou as trevas cobria o abismo), 2º a água existindo antes da criação e 3º o vento (o sopro ou o movimento de “*Deus*” sob as águas) (PONTES, 2010). Essas similaridades descritas acima são muito comuns no mundo Hebraico e Mesopotâmico.



ENUMA ELISH:

“Quando no alto não se nomeava o céu, e em baixo a terra não tinha nome, do oceano primordial (*Apsu*), seu pai; e da tumultuosa *Tiamat*, a mãe de todos. Suas ÁGUAS se fundiam numa, e nenhum campo estava formado, nem pântanos eram vistos; quando nenhum dos deuses tinha sido chamado a existência”.

GÊNESIS 1: 02:

“No começo Deus criou os céus e a Terra. A Terra mostra ser sem forma e vazia, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar e o Espírito de *Deus* se movia por cima das ÁGUAS”.

1.4 ADÃO, EVA, O JARDIM DO ÉDEN E A SERPENTE

1.4.1 ADÃO

Segundo a Bíblia, *El* (“*Deus*”) criou *Adão* a partir do barro ou do “*pó da Terra*”. Na Antiga Mesopotâmia e no Egito Antigo, o barro era uma força criadora. Com o barro fazia-se: tabuletas, cerâmicas, utensílios caseiros, tijolos para construção de casas e monumentos, cerâmicas ritualísticas para oferendas aos deuses. De acordo com Bottéro (2011), os mesopotâmicos acreditavam que após a morte o cadáver tornava-se pó devido o processo de decomposição. Quando “*Deus*” soube que *Adão* havia comido do fruto proibido censurou-o dizendo: “[...] *por que tu és pó e ao pó voltarás*” (Gn 3: 19). No Mito de *Gilgamesh*, percebemos que *Gilgamesh* ficou enlutado por causa da morte de seu amigo *Enkidu*: “Quero gritar, para que todos ouçam! O amigo que me era tão caro tornou-se pó; *Enkidu*, o meu amigo, tornou-se como argila” (MELLA, s/d, p 61). Tanto no Gênesis como no Mito de *Gilgamesh* o ser humano é criado do barro e se torna pó após sua morte.

EPOPEIA DE GILGAMESH:

“*Aruru*, A deusa então concebeu em sua mente uma imagem cuja essência era a mesma de *Anu*, o deus do firmamento. Ela mergulhou as mãos na água e tomou um pedaço de barro; ela o deixou cair na selva, e assim foi criado o nobre *Enkidu*” (MCALL, 1994. P 39).



GÊNESIS 2: 07

“E formou o Senhor *Deus* o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”.

Podemos notar que, no mito de *Adão* e na Epopeia de *Gilgamesh*, há alguma similaridade. Tanto *Adão* como *Enkidu* são a “*imagem e semelhança*” dos deuses. Isso sugere que antes da queda esses dois personagens teriam adquirido qualidades divinas que se perderam no decorrer de suas histórias mitológicas.

No mito, *Adão* tiveram dois filhos: *Caim* e *Abel*^[4]. Isso é uma alegoria que serve para representar o mundo urbano (*Caim*) em contraste com o mundo rural (*Abel*). Segundo a pesquisa realizada pelos mestres: Pedro Sahium, Vera Regiane Brescovici Nunes e Washington Maciel da Silva (2016) *Caim e Abel* e seu assassinato estaria no campo do simbolismo ao invés de ser tratado como um fato histórico.

No que tange as semelhanças, entre: *Adapa* e *Adão*, Andreasen (1981) sugere que se substituirmos: o “*p*” pelo “*m*” – temos “*Adama*” (que significa: “*Solo ou Terra*” a origem de *Adão*). Se tirarmos a letra “*a*” de “*Adama*”, fica: *Adam*, que em hebraico que significa: “*Homem*” (*Adão*, em português) (ANDREASEN, 1981, p 181).

Andreasen (1981) em seu texto criou jogos de palavras apresentadas de forma rica e ampla, dificultando refutação devido às comparações dos objetos tratados, como por exemplo: obedecer a deus: *Ea* ou *Ei*; não comer determinada comida; perder a vida eterna se comer uma determinada comida; vestir roupas adequadas: *luto* no caso de *Adapa* enquanto *Adão* e *Eva* usaram roupas de pele, feitas por *Ei* (Gn 3: 21):

Both Adam and Adapa were apparently tested with food (and drink, in the case of Adapa); and, according to some interpreters, both failed the test, hence the parallel between the two accounts^[5] (ANDREASEN, 1981, p 182).

Pelo que sabemos do Mito de *Adapa*, quando ele apareceu na frente de *Anu* foi-lhe oferecido: “*o pão e a água da vida*” ele obedeceu às recomendações do seu deus *Ea*, e não comeu e nem bebeu nada, e com isso perdeu a vida eterna. No caso de *Adão*



aconteceu o mesmo. A sua auxiliar (*Eva*) foi tentada pela *Serpente*, que lhe ofereceu a comida (fruto), *Adão* e *Eva* comeram da comida e desobedeceram às recomendações de *El*^[6] e assim, ambos perderam a vida eterna (ANDREASEN, 1981). No Mito de *Adapa* a comida foi oferecida pelo deus *Anu* enquanto, no Mito de *Adão*, a comida foi oferecida inicialmente pela *Serpente*. Os dois casos tiveram como consequência a perda imediata da imortalidade. De qualquer forma, Andreasen, concluiu:

Both were subject to a test involving food and both received two sets of advice; namely, “do not eat” (*God and Ea*) and “eat” (*Serpent and Anu*). One, *Adapa*, obeyed and passed his test; the other, Adam, disobeyed and failed. But even this situation is complicated by a further consideration; namely, the relationship between obedience/disobedience and immortality^[7] (ANDREASEN, 1981, p 185).

1.4.2 EVA

Eva surge em Gênesis 02: 22. No Mito adâmico, os clérigos medievais tachavam *Eva* como a mulher responsável por *Adam* (*Adão*) ter perdido sua imortalidade e a sua inocência (MACEDO, 1999). É justamente, isso que o Mito de *Gilgamesh*, exemplifica. Inicialmente, os deuses criam *Enkidu*, do barro, como um valoroso guerreiro, que falava, comia e vivia junto com os animais nas florestas. Ele destruía armadilhas dos caçadores.

Ele era inocente a respeito do homem e nada conhecia do cultivo da terra. *Enkidu* comia grama nas colinas junto com as gazelas e rondava os poços de água com os animais da floresta; junto com os rebanhos de animais de caça, ele se alegrava com a água (ANÔNIMO, 2001, p 62).

Os caçadores foram para Uruk e reclamaram com *Gilgamesh*, que *Enkidu* estava atrapalhando a caça. E *Gilgamesh*, colocou uma mulher do Templo de *Ishtar* “desnuda” chamada: *Shamhat* para seduzi-lo e fazer sexo com ele. E, durante seis dias e seis noites eles fizeram sexo. Quando terminaram, *Enkidu* tentou voltar a sua antiga rotina, entre os animais da floresta. Mas, os animais começaram a fugir dele. Moral da estória, *Enkidu* culpou a mulher por ter perdido sua inocência (MELLA, s/d).



[...] depois de satisfeito, porém, ele voltou para os animais selvagens. Mas agora, ao vê-lo, as gazelas punham-se em disparada; as criaturas agrestes fugiam quando delas se aproximava. Enkidu queria segui-las, mas seu corpo parecia estar preso por uma corda, seus joelhos fraquejavam quando tentava correr, ele perdera sua rapidez e agilidade. E todas as criaturas da selva fugiram; Enkidu perdera sua força, pois agora tinha o conhecimento dentro de si, e os pensamentos do homem ocupavam seu coração. Então ele voltou e sentou-se ao pé da mulher, e escutou com atenção o que ela lhe disse: "És sábio, Enkidu, e agora te tornaste semelhante a um deus. Por que queres ficar correndo à solta nas colinas com as feras do mato? Vem comigo. Vem e te levarei à Uruk das poderosas muralhas, ao abençoado templo de *Ishtar* e *Anu*, do amor e do céu; lá vive *Gilgamesh*, que é forte, e como um touro selvagem domina e governa os homens (ANONIMO, 2001, p 63-64).

No texto, *Enkidu* ao ter contato sexual com *Shamhat* perdeu suas características, e a moça lhe disse: "*que agora estava semelhante aos deuses*" é a mesma descrição, que encontramos em Gênesis 03: 22, quando o casal: *Adão* e *Eva* comem do fruto proibido.

Isso quer dizer que graças à mulher, *Enkidu* ao perdeu sua identidade, da mesma forma que aconteceu com *Adam* (*Adão*). No mito grego, a 1ª mulher humana criada pelos deuses foi Pandora. Ela era bela, como Afrodite, inteligente e curiosa. Diz à lenda que Pandora, e sua "*intensa curiosidade*", mexeu numa caixa que Epimeteu guardava e ao abri-la liberou as mazelas, doenças e a maldade, que se se alastram pelo mundo a fora (BULFINCH, 2001). Resumindo, na Antiguidade, as mulheres eram consideradas cidadãs de segunda classe, sem direitos iguais aos homens e, além disso, eram acusadas religiosamente, de trazer o mal para a sociedade.

Na sociedade da Antiga Mesopotâmia e da região de Canaã, as mulheres tinham certas proibições, como: não sair à rua desacompanhada, ficar confinadas numa seção reservada as mulheres, no Templo. Caso a mulher esteja menstruada era proibida por lei ir ao Templo para fazer seu sacrifício (Levítico 15: 19-24). Existia certa obrigatoriedade do uso do véu (até hoje é seguida). Havia convenções sociais que impunham mais deveres do que direitos para as mulheres.



1.4.3 O JARDIM DO ÉDEN

Segundo consta, em Gênesis 02: 10; *El* (“*Deus*”) criou um Jardim e pôs o Homem para “*guardá-lo*”. A localização desse Jardim está descrita na Bíblia, havia um rio que nascia no Éden e que irrigava o Jardim, e se dividia em quatro partes: Tigre, Eufrates, Pisom e Giom. Bem... Os rios Tigre e Eufrates se localizam na Antiga Mesopotâmia (hoje, Iraque). Os rios: Pisom e Giom ainda não foram descobertos, caso existissem provavelmente, teriam seus cursos d’água alterados, pois de tempos em tempos mudam-se rapidamente a trajetória dos rios.

No século III a. C os judeus gregos, elaboraram a bíblia grega, chamada de: *Septuaginta*. *Gênesis* é uma palavra grega que significa: *Começo*. A palavra: “*Jardim*” no hebraico é: *Gan*. Essa mesma palavra em grego significa: *pa-rá-dei-sos* ou “*Paraíso*”. Já o nome: “*Éden*” não é de origem hebraica e sim sumeriana, sua etimologia vem da palavra: “*Edin*” ou “*Edinu*”, que significa: “*campo ou planície*”. A palavra: *Edinu* assemelha-se com Eridu, cidade em que *Adapa* vivia. Essa cidade se localizava numa planície aluvial.

Sabendo as origens das palavras: *Jardim* e *Éden*, poderemos concluir seu significado que é: “*Paraíso da Planície*”. Para os romanos, o local em que os mortos iam era uma espécie de paraíso, chamado de: “*Campos Elísios*” – o “*Campo*” pode ser associado, também uma *planície*. *Enkidu* amigo de *Gilgamesh* era chamado de “*pantera da planície*”. E finalmente, Clifford (1994) e alguns pesquisadores comparam *Enkidu* e a mulher que ele teve relação (*Shamhat*) como sendo a inspiração para a criação de: *Adão* (*‘adam*) e *Eva* (*ḥavah*).

Segundo Kriwaczek (2018) afirmou que *Edin* seja um nome sumério que deriva de: *Gu-Edin*, que significa: “*borda da estepe*” (KRIWACZEK, 2018). Kriwaczek (2018) afirma que o *Éden* da Bíblia, seria uma referência a *Gu-Edin*^[8] (um local paradisíaco). Segundo consta, as cidades de Lagash e Umma que ficavam a 30 km de distância uma da outra, estiveram em guerra por 100 anos. Outras fontes falam em 150 anos de conflito^[9]. O motivo dessa disputa era controle de: *Gu-Edin*. Descrita como uma região muito rica em recursos naturais: “*ali havia pastagens para rebanhos emanadas,*



além de caça abundante para cultivar: javalis, cervos, gazelas, órixes, avestruz, jumentos selvagens, bois selvagens” (KRIWACZEK, 2018, p 116). O controle desse território era de extrema importância para as duas cidades, com o objetivo de expandir seus domínios, aumentando: a criação gado e a produção de cereais. O solo daquela região era extremamente fértil. Quando, o rei de Lagash venceu Umma encomendou-se a criação algo que mostrasse toda a campanha militar. Foi criado então: *Estela dos Abutres*, sendo datada do início da III Dinastia Suméria, em torno de: 2.600-2.350 a C.

Na maioria das Mitologias existe uma árvore associada à vida eterna ou a morte. No “Paraíso”, *El* (“*Deus*”) criou todo tipo de árvores de bons frutos para comer. Tendo ali: a *Árvore da Vida*. “*Deus*” colocou essa árvore no seu Jardim, que o Homem iria guardá-lo (Gênesis 02: 15). A mulher, só aparece em: Gênesis 02: 23-25. Resumindo, o Jardim pertencia a *El* (“*Deus*”) e não ao homem. No mito de Gilgamesh, a *Árvore da Vida* está associada ao jardim dos deuses e é guardada por uma mulher (*Siduri-Sabitu*):

Perante *Gilgamesh* se estendiam agora os esplêndidos “*Jardins dos deuses*”, os frutos eram como rubi, pendiam magníficos cachos de uva, uma outra árvore era coberta de lápis-lazúli [...] *Gilgamesh* foi orientado a [...] “Procurar *Siduri-Sabitu*, a sábia senhora da Montanha Celeste, ela está sentada sobre um trono no jardim dos deuses, junto o Oceano e a custódia a *Árvore da Vida* (MELLA, s/d, p 62).

Mitos recentes, como dos nórdicos (Vikings) têm em sua mitologia uma árvore associada à vida. Segundo eles essa árvore liga: o mundo dos Homens ao mundo dos Mortos e ao mundo dos Deuses, chamada de *Yggdrasil*. Essa árvore era considerada pelos nórdicos uma “*árvore sagrada*”. Segundo Davidson (2004) essa árvore seria destruída no *Ragnarok* (Fim do Mundo Viking). Para os Nórdicos, essa árvore está localizada no centro do Universo (e não centro do jardim) (DAVIDSON, 2004).

O *Yggdrasil* era sem dúvida uma Árvore guardiã, e quando o fim do mundo se aproxima ela tremia e balançava. Seu destino, como o de todas as árvores sagradas derrubadas na Alemanha e pelos missionários cristãos, estava inseparavelmente ligado aos deuses que ela cuidava e protegia (DAVIDSON, 2004, p 162).



1.4.4 A SERPENTE

De acordo com o *Enuma Elish*, o deus *Marduk* depois de matar *Tiamat* (deusa serpente) criou o mundo: “as tuas armas jamais perderão o seu poder, ele esmagará o inimigo”. (*Enuma Elish* 4ª tábuas 16ª linha). A Mitologia dos Cananeus (povos rivais dos Hebreus) afirmava que: *Baal* (filho de *El*) matou o dragão de sete cabeças, chamado de: “*Lotan*”. Depois, disso *Baal* usando o corpo de *Lotan* criou o mundo (ARMSTRONG, 2008). Por causa de rivalidades: políticas, econômicas, culturais e religiosas entre os Hebreus e os Cananeus, o deus, *Baal* foi demonizado, na Bíblia.

Na Mitologia Grega, *Apolo*, filho de *Zeus* (deus supremo do panteão grego), mata a serpente *Pítom* (BULFINCH, 2001). Após a morte de *Pítom*, *Apolo* cria o mundo. Na mitologia Viking, no *Ragnarok* (dia do Fim do Mundo), *Thor*, filho de *Odin* (rei dos deuses nórdicos), mata a serpente do mundo, *Jormungand* (na luta ambos acabam morrendo). Na mitologia asteca, *Quetzalcoatl*, mata um monstro marinho (*Cipactli*) e depois cria o mundo. Diante destes exemplos acima, a Bíblia descreve um combate entre: *El* (“Deus”) com uma serpente marinha, o *Leviatã*:

Naquele dia o SENHOR castigará com a sua dura espada, grande e forte, o Leviatã, serpente veloz, e o Leviatã, a serpente tortuosa, e matará o dragão, que está no mar (Isaías 27: 01).

Nos mitos: *Cananeus*, *Hebraicos*, *Vikings*, *Gregos* e *Mesopotâmicos*, vemos que existe uma luta (*conflito*) entre um deus-guerreiro do sexo masculino (*El-sabaoth* – Senhor dos exércitos, *Marduk*, *Baal*, *Apolo* e *Thor*), contra uma serpente marinha (*Leviatã*, *Lotan*, *Cipactli*, *Jormungand* e *Tiamat*).

No Mito de *Gilgamesh* e no Mito de *Adão*, a serpente engana ambos. De acordo com *Gilgamesh*, ficou sabendo da existência de uma “*planta*” ou um “*fruto*” que dava a imortalidade e “*eterna juventude*”. Mas essa “*planta*” que se parecia com uma ameixa, estava no fundo do mar (MELLA, s/d). Então, *Gilgamesh* amarrou duas pedras em suas pernas e foi até o fundo do mar e conseguiu pegar a tal “*planta*” ou “*fruto*”. Porém, chegando perto de seu reino, ocorreu o inesperado:



Entretanto, após trinta léguas, ao tomar banho em uma pequena lagoa fria ao final da tarde, uma cobra fareja a planta de odor doce e a rouba. Então *Gilgamesh* se senta e chora. Ele finalmente percebe que a imortalidade não é para ele: devo desistir (McCALL, 1994, p. 49).

Resumindo, a *serpente* foi a responsável por *Adão* e *Eva* caírem em tentação no Paraíso (e que ambos perdessem sua imortalidade ou a eterna juventude). E *Gilgamesh* não conseguiu alcançar seu objetivo: a *imortalidade*. Vemos aqui paralelos entre os mitos. E que a *serpente* estaria associada ao caos e a desordem.

Em contra partida, comparando as diversas culturas da Antiguidade, percebemos que as *serpentes* têm uma dupla função. Ela traz bênçãos e maldições. No Antigo Egito, o emblema real dos faraós era a coroa tendo na frente uma Naja (*serpente*), ao mesmo tempo, havia uma *serpente* (*Apofis*, associado ao caos) que lutava todos os dias com Rá, o deus supremo do Egito Antigo (BAINES, MÁLEK, 1996). Em algumas culturas, a *serpente* poderia ser associada à magia e a medicina. Na Mesopotâmia *Ea* (*Enki* babilônia) era associada à sabedoria e medicina, e seu símbolo era de um cajado com uma *serpente* entrelaçada nele (que existe até hoje).

Um dos guardiões da Porta do Céu da casa de *Anu* é *Gizzida*. Segundo Cunningham, Black, Robson e Zolyomi (2006) *Gizzida* (ou *Ningishzida*) era como um deus com habilidade de andar e falar tendo um corpo de *serpente* e cabeça humana. Segundo Jakobsen, *Gizzida* era o proprietário de uma “boa árvore” ^[10].

Na Bíblia, a *serpente* apareceria muito tempo depois da criação do Homem e da Mulher, em Gn 03: 02. Sendo descrita como a “*criatura mais cautelosa*” que *El* (“*Deus*”) havia criado. É importante comentarmos aqui, que a *Serpente* do Gênesis não tem ligação nenhuma com Satanás/Lúcifer. Não existem provas: textuais, arqueológicas e históricas para associar “*demônios*” à *serpente*. A concepção de uma única figura maligna, como: Satanás, não existia antes do “*Cativeiro da Babilônia*” (587-537 a. C).

Atualmente Satanás estaria associado a uma *serpente* devido o Livro do Apocalipse que foi escrito entre, os anos: 90-110 d. C. Ou seja, muitos anos após o Gênesis ter sido escrito. Durante os anos de 700-600 a. C, os sacerdotes e demais população hebreia, acreditavam que *El* (“*Deus*”) poderia fazer tanto o bem como o mal.



CONCLUSÃO

A proposta desta pesquisa consistia em comparar personagens mitológicos com personagens bíblicos e com isso, conseguimos obter êxito, pois o livro de Gênesis do capítulo 01 ao 03 estaria cercado de elementos mitológicos comuns entre as diversas sociedades do Mundo Antigo. *Adão*, a *Serpente* e o Jardim do Éden foram produtos importados de uma superpotência religiosa e cultural, que chamamos de: Mesopotâmia. Não há como negar que sua herança serviu de trampolim para que anos mais tarde, os Hebreus compilassem suas ideias no que chamamos de: *Gênesis*.

Mercadores, embaixadores e povos nômades ao se deslocarem da Mesopotâmia indo em direção ao Egito Antigo, eram obrigados a passar pelo corredor sírio-palestino, (onde hoje é Israel), dessa forma, o povo local (Hebreus e Cananeus), obtiveram contatos culturais-religiosos, com diversos povos do Oriente Médio. Este contato foi fundamental para o desenvolvimento dos mitos que vemos em Gênesis. Podemos até supor que os Hebreus “pegaram emprestado” alguns mitos, personagens e poemas para criar um enredo que contasse a origem de seu povo, criando assim sua própria história. Isso ficou claro quando notamos paralelos entre: *Adapa* e *Adão*, entre a luta de deuses guerreiros e as *serpentes* marinhas, a existência do Jardim dos deuses no mundo da Mesopotâmia e dos povos do corredor sírio-palestino e, finalmente, a *serpente*, um animal que para algumas culturas, pode trazer bênçãos e para outras maldições. O povo da Antiguidade tinha o desejo e a vontade, de haver uma promessa divina (através de um deus guerreiro), que iria eliminar: o caos, na Terra.

REFERÊNCIAS

ANÔNIMO. **A Epopeia de Gilgamesh**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Tradução de Carlos Daudt de Oliveira).

ANÔNIMO. **Enuma Elish**. (Tradução L. W. King), 1902.

ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.



BAINES, John e MÁLEK, Jaromír. **O Mundo Egípcio: Deuses, Templos e Faraós**. Volume II. In: Religião, Lisboa: Del Prato, 1996, p 209-220.

BLACK, Jeremy; CUNNINGHAM, Graham; ROBSON, Eleanor e ZOLYOMI, Gabor. **The Literature of Ancient Sumer**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

BOTTÉRO, Jean. **No Começo Eram os Deuses**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BUDGE, E. A. Wallis. **A Versão Babilônica sobre o Dilúvio e a Epopeia de Gilgamesh**. São Paulo: Madras, 2004.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**: Histórias de Deuses e Heróis. In: Capítulo III: **Apolo e Dafne – Píramo e Tisbe – Céfalos e Prócris**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CLIFFORD, Richard J. **Creation Accounts in the Ancient Near East and in the Bible**. Washington-DC. Catholic Biblical Association, 1994.

DAVIDSON, H. R. Ellis. **Deuses e Mitos do Norte da Europa**. In: **O Começo e o Fim**. São Paulo: Madras, 2004. P 161-171.

KRAMER, Samuel N. **Mesopotâmia: O Berço da Civilização**. Rio de Janeiro: José Olímpio Time-Life, 1969.

KRIWACZEK, Paul. **Babilônia: A Mesopotâmia e o Nascimento da Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEICK, Gwendolyn. **Mesopotâmia: A Invenção da cidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

MACEDO, José Rivair de. **As Mulheres Medievais**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 1999.

MELLA, Frederico Arbório. **Dos Sumérios a Babel**. São Paulo: Hemus, s/d.



McCALL, Henrietta. **O Passado Lendário: Mitos da Mesopotâmia**. São Paulo: Moraes, 1994.

RATHBONE, Dominic. **História Ilustrada do Mundo Antigo**. In: **Mesopotâmia**. São Paulo: Data Folha, 2001. P 84-129.

SCHEINDLIN, Raymond. **História Ilustrada do Povo Hebreu**. 2ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. P 50-51.

STORNIOLO, Ivo e BALANCIN, Euclides. **Como Ler o Gênesis: Origem da Vida e da História**. 14ª Reimpressão. São Paulo: Paulus, 2013.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PONTES, Antônio Ivemar da Silva. **A “Influência” do Mito Babilônico da Criação, Enuma Elish, em Gênesis 1,1-2,4a**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Programa de Pós-Graduação da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), Recife, 2010.

ARTIGOS

ANDREASEN, Niels-Erik. **Adam and Adapa: two anthropological characters**. Andrews University Seminary Studies, Vol. 19, No. 3, Autumn 1981, P 179-194.

SAHIUM, Pedro; NUNES, Vera Regiane Brescovici e SILVA, Washington Maciel Da. **A Violência Simbólica Em Caim E Abel: Uma Releitura Contemporânea**. Goiânia: Fragmentos de Cultura. Volume: 26, nº 4. outubro/dezembro de 2016. p 586-595.

CARAMELO, Francisco. **Os Calendários Mesopotâmicos, o Culto e as Hemerologias**. Revista de História e Teoria das Ideias. Volume, 2006. P 01-11.

VIDEOGRAFIA

History Channel. **Mysteries of The Garden of Eden** (Mistério do Jardim do Éden PT-BR). Produção Executiva: Ary Tarpinian e Paninee Theeranuntaway. Produção: Dylan



Tilley. Editor: Andy Palmer. Direção: Jeff Schird. Produzido por: Morningstar Entertainment for the History Channel. Color, Dolby, Widescreen, NTSC. Linguagem: inglês. Dublado. USA. 2007. 44min: 51seg.

TV Escola. **B comme Babylone** (B de Babilônia PT-BR). Diretor: Bernard George. Empresa (s) produtora (s): Arté France, Museu do Louvre, YLE. Synapse Brasil. Color, Dolby, Widescreen, NTSC. Linguagem: francês. Dublado. França. 2008. 54 minutos: 57 segundos.

History Channel. **Confronto dos Deuses América Latina: Quetzalcoatl**. Diretor: Diego Alvarez. Produtor: Sebastian Vinelli. Produtor executivo: Aldo Ballesteros. Narrador: Ali Rondón. Por History Channel Latin America LLC: Executive VP and General Manager: Eduardo Ruiz. NTSC. Linguagem: português. Dublado. México. 2011. 47 minutos: 24 segundos.

INTERNET

<https://en.wikipedia.org/wiki/Ningishzida> (acessado em 13/04/2019).

<https://en.wikipedia.org/wiki/Gu-Edin> (acessado em 13/04/2019).

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/pilar-decifrado-historia-guerra-fronteira-antiga.phtml> (acessado em 13/04/2019).

https://en.wikipedia.org/wiki/Abba-EI_I (acessado em 13/04/2019).

APÊNDICE - REFERÊNCIAS DE NOTA DE RODAPÉ

2. *Tammuz* segundo o Mito Mesopotâmico era o Deus “*pastor*”. Deus da agricultura, e amante de *Isthar*. No Calendário Judaico, há o nome de *Tammuz*, correspondente aos meses da colheita (junho/Julho).

3. Os babilônios chamavam o sábado de: *sappattu* ou *sabbattu*. Esse dia é comemorado o culto a Lua, que ocorre uma vez por mês. A Astronomia dos



Mesopotâmicos descobriu que a semana tem sete dias, sendo interpretado como “*sinai divino*”. Os Hebreus por sua vez, tomaram para si esse dia comemorativo.

4. No Período Paleobabilônico, a dinastia Yamhad: *Abba-El* I havia feito um pacto com seu irmão, *Yarim-Lim* I jurando lealdade e se quebrassem a aliança seriam amaldiçoados. Isso teria inspirado o mito.

5. *Adão* e *Adapa* foram aparentemente testados com alimentos (e beba, no caso de *Adapa*); e, de acordo com alguns intérpretes ambos falharam no teste, daí o paralelo entre os dois (ANDREASEN, 1981).

6. No caso, os autores do Gênesis chamam seu deus de: *El-Elyon* (que significa: *Deus o altíssimo*). *El* é uma palavra de origem Cananeia que significa tanto, Senhor ou Deus. (ARMSTRONG, 2012).

7. Ambos foram submetidos a um teste envolvendo alimentos e ambos receberam dois conjuntos de conselhos, ou seja, “*não comer*” (*Deus e Ea*) e “*comer*” (*Serpente e Anu*). Um, *Adapa*, obedeceu e passou no teste; a outro, *Adam*, desobedeceu e falhou. Mas mesmo essa situação é complicada por uma consideração adicional; ou seja, o relacionamento entre obediência/desobediência e imortalidade.

8. <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/pilar-decifrado-historia-guerra-fronteira-antiga.phtml>

9. <https://en.wikipedia.org/wiki/Gu-Edin>

10. <https://en.wikipedia.org/wiki/Ningishzida>

Enviado: Junho, 2019.

Aprovado: Outubro, 2019.